

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**LÍNGUA PORTUGUESA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO**

Parintins - Am  
2022

**EDINARA SILVEIRA BEZERRA**

**LÍNGUA PORTUGUESA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Parintins - AM

2022

**EDINARA SILVEIRA BEZERRA**

**LÍNGUA PORTUGUESA E A ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO**

Aprovado em: 26 / 10 / 2022

BANCA EXAMINADORA



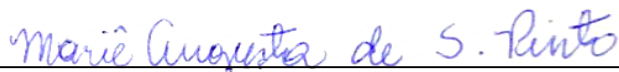
---

**Prof.<sup>a</sup> Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Prof.<sup>a</sup>. MSc. Mariê Augusta de S. Pinto**

*Dedico este trabalho ao meu pai Joaquin Garcia Bezerra (In Memoriam) a quem agradeço por seus ensinamentos, princípios e valores a mim repassados e ser a base para eu me tornar a pessoa que sou hoje.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por minha trajetória acadêmica e sempre estar comigo.

Aos meus pais, meus irmãos e meus sobrinhos pelo carinho e aconchego nas horas de cansaço.

A minha orientadora Professora Mestra Francisca Keila de Freitas Amoedo por ter aceitado esse desafio, pela paciência, empenho e motivação nas horas das dificuldades desse percurso.

A todos os profissionais do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas por servirem como inspiração nessa caminhada.

Aos professores de todas as disciplinas ministradas, pelo excelente desempenho e persistência em repassar conhecimento.

A secretaria do curso de Pedagogia Edilene por suas palavras de incentivo nas horas difíceis.

A professora Simone Silva por segurar em minhas mãos e sempre dizer: Não desista!

A professora Maria Yona Teixeira de Oliveira (In Memoriam) pelo acolhimento a mim ofertado em período de análise em sala de aula e pelo seu imenso amor em alfabetizar alunos surdos com tanta dedicação e humildade.

A gestora da “Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Mana”, Professora Simone Assunção de Deus Melo pela imensa dedicação e amor a educação especial ofertado nesse educandário.

Ao professor Marlon Silva pela imensa ajuda e orientações na soma deste trabalho.

Aos meus amigos da IASD pelo acolhimento e orações para tudo acontecesse segundo a vontade de Deus.

Gratidão a cada profissional que serviu como base para a realização e concretização deste trabalho.

A todos meu imenso respeito e admiração pelo profissionalismo ativo e comprometido para uma educação digna e justa!

*“Somos diferentes mas não queremos ser transformados em desiguais. As nossas vidas só precisam ser acrescidas de recursos especiais” (Peça de Teatro: Vozes da Consciência, BH,)*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema: Língua Portuguesa e a Alfabetização do aluno surdo apresentando a análise de uma pesquisa realizada na Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Mana no município de Parintins-Amazonas. Tem como geral: Investigar de que forma a Língua Portuguesa é inserida na alfabetização do aluno Surdo no primeiro ano do ensino fundamental e conseqüentemente como objetivos específicos: Fundamentar o conceito de língua portuguesa como processo de interação; Caracterizar o processo de ensino de Língua de sinais para alunos surdos e compreender os aspectos da prática docente referentes ao ensino de Língua Portuguesa e libras para alunos surdos. A pesquisa está ancorada na atual legislação brasileira sob a lei nº10.436/02 para a educação de surdos e nos apontamentos de autores pesquisadores da área, sendo alguns deles Pereira (2014), Soares (2018), Santana (2007), Quadros (2006), Salles (2004) entre outros, que a partir de suas publicações, contribuíram para a construção desta pesquisa. A pesquisa se trata de uma abordagem qualitativa onde se utilizou procedimentos de observação com os professores e alunos em sala de aula para surdos disponível na escola. Os resultados mostraram que a escola por sua vez não se preocupa em somente alfabetizar os alunos surdos, mas sim, ofertar condições para que se tornem leitores e escritores, não apenas codificadores e decodificadores dos símbolos gráficos, apoiando-se menos na relação oralidade/escrita, e sim, no aspecto visual da escrita como fator relevante no processo de sua aquisição. O Português e a Libras possuem estruturas gramaticais distintas e o surdo deve aprendê-las, simultaneamente, de modo que a Língua de sinais irá facilitar ao aluno na realização da leitura e de escrita em português. Desse modo, teremos surdos alfabetizados em ambas as línguas, conhecedores de sua cultura, bem como da cultura ouvinte, favorecendo assim o pleno desenvolvimento desses sujeitos, e a sua participação na sociedade, exercendo seu papel de cidadão.

**Palavras-chave:** Libras. Língua Portuguesa., Aluno surdo,

## ABSTRACT

This work presents the analysis of a research carried out in a School of Audio Communication in the municipality of Parintins-Amazonas, whose general objective is to: Investigate how the Portuguese language is inserted in the literacy of the Deaf student in the first year of elementary school and consequently as specific objectives : To support the concept of the Portuguese language as a process of interaction; To characterize the sign language teaching process for deaf students and to understand the aspects of teaching practice related to the teaching of Portuguese Language and Libras for deaf students. The research is anchored in the current Brazilian legislation under Law nº 10.436/02 for the education of the deaf and in the notes of researchers in the area, some of them Pereira (2014), Soares (2018), Santana (2007), Quadros (2006), Salles (2004) among others, who from their publications contributed to the construction of this research. The research methodology used observation procedures with teachers and students in the special room for the deaf available at the school. Data analysis was performed from a qualitative perspective. The results showed that the school, in turn, is not only concerned with teaching deaf students to read and write, but offers conditions for them to become readers and writers, not just encoders and decoders of graphic symbols, relying less on the oral/writing relationship, and yes, in the visual aspect of writing as a relevant factor in the process of its acquisition. In this way, we will have deaf people literate in both languages, knowledgeable about their culture, as well as the hearing culture, thus favoring the full development of these subjects, and their participation in society, exercising their role as citizens.

**Keywords:** Portuguese language, Libras, deaf student, bilingualism

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1:</b> Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna .....	28
<b>Figura 2:</b> Aluno surdo escrevendo seu nome e contando sílabas.....	32
<b>Figura 3:</b> Alunos recebendo aula de Libras .....	33
<b>Figura 4:</b> Professora trabalhando textos de L2 por meio da L1 .....	34
<b>Figura 5:</b> Alunos surdos em sala de aula .....	35

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO DOS SURDOS SOB A PERSPECTIVA EDUCACIONAL</b> .....	13
1.1 A educação de alunos surdos.....	13
1.2 A denominação de L1 para Libras e L2 para Língua portuguesa .....	16
1.3 O Bilinguismo .....	19
1.4 Ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos .....	22
1.5 A Pedagogia visual.....	24
<b>CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	26
<b>CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS</b> .....	30
3.1 A cultura Surda no contexto escolar .....	30
3.2 Interação acadêmica - pesquisadora vs aluno .....	31
3.3 O Português Escrito como segunda língua para surdos.....	34
3.4 Recursos utilizados para produção escrita .....	36
3.5 Processos de construção de sentido na leitura .....	40
3.6 Sugestões para aprendizagem da leitura e escrita da língua Portuguesa ...	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

*Reencontrar o mundo dos surdos é um verdadeiro alívio. Deixar de fazer esforços. Não precisar me estafar na tentativa de falar oralmente. Reencontrar as mãos, o à vontade, os gestos que voam, que falam sem esforço, sem constrangimento. O movimento do corpo, a expressão dos olhos, que falam. De súbito desaparecem as frustrações. Laborit, 2000, p. 133.*

Destacando a fala de Laborit,( 2000),, onde o mesmo vem trazendo o mundo do surdo e a necessidade de reencontra sentidos para que a comunicação possa ocorrer de maneira significativa partindo do olhar para libras como primeira língua do surdo e o português como segunda língua.

Traçamos assim a apresentação da pesquisa que culminou neste trabalho de conclusão de curso , percebemos que o maior desafio encontrado na educação dos sujeitos surdos vem proveniente de um processo da defasagem de diversos fatores como a falta de conhecimento em libras dos pais, a não aceitação e o isolamento do filho surdo, durante a trajetória desses indivíduos e de sua educação dentro da sociedade, com isso estão acarretando problemas no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Afinal, uma parte significativa de sua vida acadêmica, civil e pessoal sofre grandes reflexos em consequência do domínio ou não dessa língua.

O ensino da Língua Portuguesa ao indivíduo surdo tem se encaminhado até agora da mesma forma como se encaminha para o ouvinte, ou seja, o professor inicia com a exposição das palavras e prossegue com a utilização destas palavras em estruturas frasais, primeiramente simples e depois cada vez mais longas e morfossintaticamente mais complexas. Por isso, o fracasso sempre foi uma marca nesse processo. A consequência mais grave ainda é que se mantém a ideia de que o sujeito surdo é cognitivamente comprometido em relação às pessoas ouvintes.

Percebemos no contexto do processo educacional no qual nos envolvemos como participantes de forma voluntaria na Escola de Áudio Comunicação que nas turmas de alfabetização, as dificuldades no aprendizado do Português, uma vez que deveriam aprender a língua portuguesa como segunda língua, o que nem sempre acontece. Português para Surdos deve ser ensinado em Libras, a primeira língua do aluno Surdo, para que ele possa compreender melhor a leitura e a escrita.

Em meio a essa realidade surgiu a problemática que nos inquietou e onde buscamos responder a seguinte pergunta : De que forma a Língua Portuguesa é inserida na alfabetização do aluno Surdo no primeiro ano do ensino fundamental na

Escola Especial de Áudio Comunicação Pe.Paulo Manna - Parintins /AM?

A partir do delineamento proposto, se tem como objetivo geral: Investigar de que forma a Língua Portuguesa é inserida na alfabetização do aluno Surdo no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola de áudio comunicação no município de Parintins, e conseqüentemente como objetivos específicos: Fundamentar o conceito de língua portuguesa como processo de interação; Caracterizar o processo de ensino de Língua de sinais para alunos surdos e compreender os aspectos da prática docente referentes ao ensino de Língua Portuguesa e libras para alunos surdos.

Justificamos a escolha da temática, destacando a importância para o contexto social e educacional que é de extrema relevância uma vez que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um instrumento eficaz na facilitação da comunicação e, conseqüentemente, no processo ensino-aprendizagem. Conhecer essa língua é fundamental para atender com responsabilidade às reais necessidades deste público e favorecer sua inclusão no âmbito escolar.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: resumo, introdução e os capítulos I, II e III. O capítulo I expõe a base teórica que sustenta as análises dos dados e a sua relação com o ensino de Língua Portuguesa e a alfabetização do aluno surdo, o Capítulo II apresenta a percurso metodológico para a concretização dos objetivos traçados e no Capítulo III consta a análise e apresentação de dados observados com os alunos surdos e professores em sala de aula.

## CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO DOS SURDOS SOB A PERSPECTIVA EDUCACIONAL

Este capítulo expõe a base teórica que sustenta as análises dos dados e a sua relação com o ensino de Língua Portuguesa e a alfabetização do aluno surdo onde apresentamos uma síntese do percurso histórico da educação de surdos por meio da linha do tempo, chegando ao Amazonas consequentemente em Parintins.

### 1.1 A educação de alunos surdos

*No estudo da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade à escrita. Le Goff (2003, p. 422)*

Com intuito de conhecermos melhor o percurso histórico da educação de surdo, apresentaremos a trajetória da educação para os alunos surdos iniciou há muito tempo atrás e para compreendermos o caminho percorrido descreveremos uma brevelinha do tempo. Para iniciarmos, na antiguidade as pessoas com deficiência eram descartadas pela sociedade. No Egito os surdos eram adorados como deuses.

Na Grécia, Roma, China entre outros países acharam que os surdos eram castigados ou enfeitiçados, assim os lançavam dos altos dos rochedos. Já na Europa eram jogados na fogueira. Eles não recebiam nenhum tratamento respeitoso.

Aristóteles acreditava que se o sujeito não fala ele não tem linguagem e muito menos pode pensar. Assim nasceu o surdo-mudo, termo usado no passado, era incapaz de se expressar.

Em 1450, no período renascentista a surdez passou a ser usada sob a ótica médica e científica. No ano 700 D.C John Berveley ensinou ao surdo a falar pela primeira vez. Os surdos desde muito tempo, quando não eram descartados pela comunidade eram conduzidos ao trabalho servil.

A partir de 1920, Pedro Ponce Deleon foi considerado o primeiro professor de surdo do mundo desenvolvendo o alfabeto manual baseado em gestos usados pelos monges.

Destacamos que no ano 1759, Charles Michel de l'Epée, iniciou seu contato com surdos carentes que perambulavam na cidade de Paris. A partir do contato com

duas irmãs gêmeas surdas. Até a sua morte ele já havia fundado 21 escolas para surdos na França.

Posteriormente em 1814, Tomas Gallaudet, decidiu se dedicar ao ensino de surdos viajando para vários países em busca de novos métodos. Posteriormente seu filho Eduard Gallaudet ficou famoso por ser educador de surdos e mais tarde fundaram o Instituto da Universidade de Gallaudet.

Eduard Huet no ano de 1955, foi convidado por Dom Pedro II a vir ao Brasil e fundar uma escola para surdos. Essa escola foi fundada em 1857 e existe até os dias atuais conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizada na Cidade do Rio de Janeiro.

O destaque da época surgiu em 1880, quando ocorreu o Congresso na cidade de Milão. Esse evento era opositor à língua de sinais e defendia a filosofia oralista, obrigando todos os surdos a falar. Entre seus defensores estava Alexander Graham Bell. Com a proibição da língua de sinais no mundo todos os surdos sofreram muito, pois, eram obrigados a falar oralmente e muitas das vezes quando usavam a língua de sinais as escondidas, quando pegos eram castigados por isso.

Com passar dos anos, logo na segunda guerra os surdos eram considerados doentes que geneticamente transmitiam a surdez e muitos foram exterminados no campo de concentração.

A partir de 1960, para felicidade da comunidade surda mundial William Stokoe, linguista americano produziu uma publicação afirmando que a língua de sinais – American Sign Language (ASL) - Língua de Sinais Americana é uma língua com todas as características das línguas orais. A partir daí muitas pesquisas floresceram nos Estados Unidos, Europa chegando até ao Brasil. E nesses anos surge a filosofia da comunicação total, ou seja, falar e ao mesmo sinalizar, o que mais tarde também foi considerada ineficaz.

Fundada em 1977 a FENEIDA – Federação Nacional de Educação Integral dos Deficientes Auditivos que mais tarde em 1987 mudou o nome para FENEIS – Federação Nacional de Integração dos Surdos. Período este que estava nascendo a filosofia bilíngue, ou seja, o direito do surdo falar nas duas línguas, a língua de sinais como primeira língua e a língua oral.

Com muitas lutas e reivindicações o ano de 2002 foi o marco da história do surdo no Brasil. A língua de sinais no Brasil, a LIBRAS foi reconhecida como meio oficial de comunicação da comunidade surda.

A Lei n.º 10.436 (BRASIL, 2002), reconheceu a Libras como a língua de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras; e o Decreto n.º 5.626 (Brasil, 2005), estabelece a inserção de profissionais específicos para atuação na educação de surdos, várias ações têm sido cobradas da parte do poder público no sentido de atender adequadamente essa parcela da população.

E importante destacar que a libras não é a segunda língua oficial do Brasil e sim o meio oficial de comunicação dos surdos. Em 2005 uma lei foi regulamentada que consolidou a difusão e o uso da Libras nos sistemas educacionais federal, estadual, municipal e privado, possibilitando o desenvolvimento de políticas de inclusão de pessoas surdas. Os currículos dos diversos sistemas de ensino sofreram modificações para atender às novas leis, nos quais se tornou obrigatória a inclusão da disciplina de Libras.

Adentrando o anos de 2010, a profissão do tradutor de interprete de libras foi reconhecida. Após cinco anos mais tarde em 2015, os surdos passam a ter acesso garantido aos cursos e exames da carteira nacional de habilitação – CNH.

Vale destacar que passados anos, em 2021, a lei de N° 23.773, instituiu diretrizes para criação de escolas bilíngues em língua brasileira de sinais e língua portuguesa na sede estadual de ensino de Minas Gerais.

Na atualidade os surdos brasileiros já fazem uso da língua de sinais, linguagem esta criada pelos mesmos, uma luta de muitos e muitos anos. Hoje ela é vista como uma língua visual-espacial apresentando todas as propriedades específicas das línguas humanas. Os surdos fazem uso dela nas associações nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, nos seus lares e nas escolas.

Em relação ao Município de Parintins, dentro do contexto histórico das legislações vigentes que envolvem a comunidade surda aprovou e sancionou a Lei nº 704/2018 (PARINTINS, 2018) a qual vem contribuir com a Lei 10.436 no que tange o entendimento sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras considerando que a mesma deve ser difundida e usada nas repartições públicas do Município. Recentemente a Lei nº 848/2022 evoca que o atendimento aos Surdos de fato aconteça em todos os setores do Município:

Art. – 1º A toda pessoa surda fica assegurado o direito de ser atendida em todas as Repartições Públicas do Poder Executivo Municipal, por todo profissional que atua na recepção de cada instituição, este servidor capacitado para se comunicar em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sob

a coordenação da Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Habitação- SEMASTH (PARINTINS, 2022).

Ademais a realidade que vivenciamos, destacando a legislação local, o município afirma que haverá capacitação para os funcionários das repartições públicas, uma vez que quando o Surdo vai até uma desses locais, não encontra nenhuma pessoa que fale seu idioma e que possa atendê-lo como um cidadão que apenas quer resolver as questões do dia a dia.

Faz ênfase ainda ao papel do município de Parintins junto à Comunidade Surda e os projetos que vem ganhando destaque nas áreas da assistência social e na área da saúde conforme pesquisa realizada.

## **1.2 A denominação de L1 para Libras e L2 para Língua portuguesa**

Com o cenário de muitas dificuldades, lutas e também avanços o mundo dos surdos traça uma nova trajetória, momento em que passa a existir a interação entre a língua de sinais – LIBRAS e a língua portuguesa. Isso refere-se ao uso de duas línguas para se comunicar, no caso de indivíduos surdos, L1(primeira língua) língua de sinais e L2 (segunda língua) língua oficial do país. Assim essas duas línguas recebem a denominação de L1 para Libras e L2 para Língua portuguesa.com isso surge a proposta bilíngue garantindo ao aluno o ensino cognitivo-linguístico valorizando a identidade surda e assegurando a aprendizagem da língua majoritária como segunda língua, na companhia harmoniosa dos ouvintes.

Assim, o aluno surdo terá acesso a duas línguas: a língua de sinais e a língua que predomina ao seu redor, ou seja a que os ouvintes usam rotineiramente.

O bilinguismo pra surdos não se refere apenas ao uso de línguas, mas, as relações de poder que se constroem dentro da escola com falantes de línguas diferentes. Portanto recomenda-se uma escola com suportes, mas uma escola diferente na sua concepção. Este grupo vem crescendo e tem seus principais representantes entre os próprios surdos, suas associações, além de alguns teóricos da área. (SOUZA ,1998, p.64).

Apesar das lutas e conquistas para que o bilinguismo tornasse realidade, hoje o cenário da educação não atende as singularidades dos alunos surdos, os quais acabam sendo promovidos mesmo sem o desenvolvimento de habilidades e competências previstas na grade curricular da escolaridade do aluno. Muitos estudos afirmam que a inclusão de alunos surdos em contextos de escolas regulares é insatisfatório, pois a mesma não apresenta condições acadêmicas para uma

educação bilíngue (GÓES e TARTUCI, 2012).

Nessa realidade escolar na educação básica para crianças surdas há necessidade de um atendimento individualizado, onde os professores precisam posicionar-se melhor em sala, falar pausadamente para auxiliar aos alunos surdos, para que esses alunos possam acompanhar a todos da turma no que diz respeito aos conteúdos repassados.

Fator inclusive que torna-se pertinente para que os alunos surdos tenham acesso aos conteúdos escolares em Libras, podendo assim melhorar na construção de novos conhecimentos, uma vez que a libras, é a única modalidade de linguagem plenamente acessível ao surdo e favorecendo seu desenvolvimento. Essa língua pode ser incorporada às práticas pedagógicas para um desenvolvimento integral do aluno surdo, considerando suas particularidades linguística (Lacerda; Lodi, 2000).

Vale ressaltar que o surdo recebendo essa dinâmica em sala de aula é necessário que ele também esteja inserido em ambientes propícios à troca dialógica de experiências com outros falantes dessa língua.

Uma outra realidade a considerar deve se que a maioria dos surdos nascerem em famílias de ouvintes é rotineiro o desenvolvimento tardio de linguagem e de outras funções mentais superiores, pois além de ter a dificuldade de um diagnóstico que muitas vezes vem tardio, o cotidiano dos pais são de ouvintes, sem nenhum conhecimento da linguagem de surdos. (FERNANDES, 2003).

Segundo Vygotsky (2008), a linguagem é um evento social que se desenvolve a partir das interações sociais, nas relações interpessoais. Entendemos que o processo de construção e desenvolvimento da linguagem junto aos seus conceitos, significados e sentidos são construídos e apropriados. Tornando assim o uso da linguagem, algo imprescindível e extremamente necessário para a organização do pensamento.

Quando um aluno surdo inicia sua carreira estudantil, ele já chega com uma defasagem da linguagem enfrentando dificuldades nos conhecimentos escolares, apresentando desvantagem em relação aos demais alunos.

Fica comprovado a importância que a criança surda deve ter contato com a língua de sinais o mais cedo possível, para que a mesma possa ter a formação dos surdos como sujeitos plenos, ampliando suas relações com o mundo. De acordo com Bakhtin (2009), a língua é a materialização da linguagem humana, possibilitando a reconstrução do mundo para além das referências imediatas.

Anteriormente o ensino da Língua Portuguesa era transmitida aos estudantes surdos pela introdução de palavras, em sequência se usava as estruturas frasais simples e depois as longas e morfossintaticamente mais complexas. E por muito tempo esses alunos foram obrigados a se comunicar unicamente por meio da Língua Portuguesa na modalidade oral e da audição ou da leitura orofacial. (PEREIRA,2014).

Quanto aos sinais usados pelos surdos eram totalmente proibidos, pois, estudos apontavam que o uso dos gestos prejudicavam o desenvolvimento cognitivo trazendo as mesmos dificuldade para compreender a fala por meio da percepção, além de ter a discriminação visual do movimento dos lábios e da face (MARCHESI, 1991).

Os professores se preocupavam mais em ensinar o sentido da individualização pedindo aos alunos que sublinhassem as palavras desconhecidas depois procurassem significado das mesmas no dicionário e depois formassem frases com as palavras pesquisadas (PEREIRA, 2011a).

Tudo isso frustrava os alunos por se sentirem perdidos em meio a dificuldade de compreensão, logo eles se retraíam para as atividades se sentindo incapazes de ler e compreender. Contudo isso o conhecimento da Língua Portuguesa não se ampliava e os alunos apresentavam cada vez mais dificuldades para ler, até se tornarem completamente desinteressados pela leitura (PEREIRA, 2011b).

A língua de sinais é também conhecida como língua gestual. A mesma utiliza-se de gestos e sinais em substituição à língua que todos nós bem conhecemos em nossas comunicações: a língua de sons ou oral.

Baseada em gestos ou mímicas a língua de sinais não é definida por esse conceito, mas sim por trata-se de uma língua natural, com léxico (léxico é todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito) e gramática próprios. Cada comunidade de surdos desenvolveu a sua própria língua de sinais, tal como cada povo desenvolveu sua língua oral.

A valorização da libras foi uma das conquistas dos surdos para que a libras fosse realmente instituída foi bastante longa mas hoje ela é considerada a língua natural da comunidade surda passando a ser respeitada em todos os ambientes havendo assim a contratação de tradutores-intérpretes possibilitando a muitos surdos ingressarem no ensino superior.

Por tal atuação o Brasil ver frutos colhidos dessa educação onde existe um número grande de surdos graduados ainda com um índice que continua crescendo quando se trata de formação de mestres e de doutores surdos (PEREIRA; NAKASATO, 2014).

Portanto as línguas de sinais são utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. Também são línguas de sinais visuais-espaciais onde captam as experiências visuais das pessoas surdas.

### **1.3 O Bilinguismo**

Ao falar em Bilinguismo o mesmo está associado ao uso de duas línguas contexto educacional. A oferta de educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas que ao optar em oferecer essa educação a escola assume a política linguística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente do aluno.

Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola. Isso vai depender de “como”, “onde”, “quando” e “de que forma” as crianças utilizam as línguas na escola. Esse fator, provavelmente, será influenciado pelas funções que as línguas desempenham fora da escola.

No caso do aluno surdo, a educação bilíngüe vai apresentar diferentes contextos dependendo das ações de cada município e de cada estado brasileiro. Em alguns estados, há escolas bilíngües para surdos em que a língua de instrução é a língua de sinais e a língua portuguesa é ensinada como 2ª língua. (QUADROS, 2006).

Essa educação oferta à criança surda um ambiente linguístico, onde as mesmas possam se comunicar de forma natural, assim, a criança não terá apenas assegurada a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. Baptista, (2010) nos afirma que o bilinguismo dá à criança surda a oportunidade de se assumir à “semelhança de” e não à “impossibilidade de ser”.

Segundo Pereira e Nakasato (2002; 2004; 2011) o processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais, não é diferente das crianças ouvintes, haja visto que as mesmas adquirem em curto espaço de tempo todos os recursos disponíveis na língua de sinais.

Tomando para si essa conclusão os autores sugerem que a Língua Brasileira de Sinais seja apresentada em atividades discursivas e não por meio de listas de sinais isolados. Tal prática possibilitará não apenas a aquisição dos sinais, mas de todos os recursos expressivos que essa língua oferece.

No que diz respeito aquisição da linguagem do aluno surdo, Goldfeld, afirma que:

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada língua natural dos surdos, e como segunda língua, a língua oficial de seu país(...) os autores ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da comunicação total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFELD, 1997, p.38).

O autor deixa algo essencial para que o surdo comece sua trajetória em um caminho aquedado para sua particularidade. Muitos surdos são filhos de ouvintes e por falta muitas vezes de conhecimento, ausência de escolas especiais que de optem pelo bilinguismo e até mesmo por precariedade de professores preparados para atender essa demanda os pais priorizam que seus filhos aprendam a língua portuguesa.

Santana (2007), por sua vez defende que aprender uma língua em uma instituição não é o mesmo que vivenciá-la em uma comunidade, e em práticas diversificadas, por isso muitos surdos não têm a oportunidade de aprender a Língua de Sinais, naturalmente em situações variadas que permitam fazer uso da linguagem de forma natural.

Muitos dessas situações acarretam em prejuízos para o aluno, chegando a sala de aula perdidos sem saber LIBRAS, encontrando professores que também não sabem a Língua Brasileira de Sinais. Segundo o decreto 5.626, de 5 de dezembro de 2005:

As pessoas com surdez têm direito a uma educação que garanta a sua formação, em que a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita, constituam línguas de instrução, e

que o acesso as duas línguas ocorra de forma simultânea no ambiente escolar, colaborando para o desenvolvimento de todo processo educativo (BRASIL, 2005, p. 15).

Para estes casos é necessário que os governos atentem-se para as escolas regulares na oferta de professores bilíngues ou intérpretes de libras. Ronice Müller de Quadros e Magali Schmiedt contextualizam que a escola precisa buscar meios para garantir à criança, acesso aos conhecimentos escolares na Língua de Sinais e o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua. (QUADROS, 2006).

Na atualidade o professor dentro de uma sala de aula encontra inúmeras dificuldades em garantir que o surdo aprenda a libras e o Português em sua modalidade escrita por este motivo se enfatiza veementemente que se trabalhe a proposta do bilinguismo por sua importância e praticidade como mostra os autores Carla Barbosa e Josimário de Paula:

A proposta didático-pedagógica para se ensinar português escrito para os alunos com surdez orienta-se pela concepção bilíngue- LIBRAS e Português escrito, como línguas de instrução destes alunos. A escola constitui o locus da aprendizagem formal da língua Portuguesa na modalidade escrita, em seus vários níveis desenvolvimento. Na educação bilíngue os alunos e professores utilizam as duas línguas em diversas situações do cotidiano e das práticas discursivas. (2010 p.18)

Este trecho possibilita entender essa didática como fonte de benefícios para os surdos possibilitando o desenvolvimento de habilidades em leitura e escrita, torando possível o uso de duas línguas no contexto escolar, e em outros lugares onde não há presença de intérprete como explica Moura e Spinillo:

De acordo com Moura (2000), os surdos formam uma comunidade com cultura e língua próprias, e o bilinguismo permite, portanto que o indivíduo não perca sua identidade com esta comunidade através da língua dos sinais; e, ao mesmo tempo, permite que o surdo não se distancie da comunidade de ouvintes da língua oral), ampliando, assim, seu universo de interação. (MEIRELLES; SPINILLO 2002, p.02)

O autor demonstra que o surdo tem que estar sempre inserido em seu mundo, sem perder suas particularidades, usando tanto a L1 quanto a L2 para seu desenvolvimento educacional sem se desvincular da comunidade ouvinte, pois também é necessário que ele não desvincule do ambiente dos ouvintes.

É indiscutível que o bilinguismo dominar abre portas para o mundo dos surdos. Ao buscar uma educação bilíngue, todos devem focar nas vantagens que a fluência

de uma segunda língua traz aos surdos do impacto que bilinguismo oferta no carreira escolar e profissional. Ele atinge a capacidade cognitiva e a própria saúde mental de longo prazo.

#### **1.4 Ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos**

O decreto 5.626/2005, assegura a Língua Portuguesa como a segunda língua e em sequência a aquisição da Língua Brasileira de Sinais como a primeira língua dos surdos brasileiros.

Tal decreto permitiu que as crianças surdas vivenciem, com adultos sinalizadores, experiências e outras formas de uso normal da linguagem escrita. Neste caso pode-se dizer que as crianças surdas tem acesso com a Língua Portuguesa escrita e por essa ser totalmente acessível à visão, é considerada fonte necessária no conhecimento sobre a língua (PEREIRA, 2011a).

A língua portuguesa serve de base para o ensino na escola, sendo que o professor é o protagonista desta história cabendo a ele a autonomia de traduzir os textos ou partes deles para a língua de sinais e vice-versa, bem como explicar e esclarecer os aspectos sobre a sua construção. Fazendo com que os alunos Desta forma, os alunos observem línguas diferentes porem com os mesmos objetivos ou significados.

Para melhor análise cabe ao professor expor aos estudantes todos os mecanismos gramaticais inexistentes na Língua Brasileira de Sinais, como as formas flexionais do paradigma de pronomes pessoais e o processo de concordância. (SALLES, 2004). Comparando com o pensamento de LACERDA; LODI (2009) os educadores devem ter domínio das duas línguas e do modo peculiar de funcionamento de cada uma delas em seus diferentes usos sociais, para possibilitar o acesso dos surdos aos conhecimentos de mundo nas duas línguas L1 e L2.

Esse pensamento com relação a conhecimento de mundo e de língua elaborado na Língua Brasileira de Sinais permitirá quer-se dizer que os estudantes surdos precisam vivenciar práticas sociais que envolvem a escrita constituindo o conhecimento da Língua Portuguesa (PEREIRA, 2011).

Partilhando assim esses conhecimentos com a família, e pessoas ao seu redor para que não se sintam perdidas nem tão pouco excluídas das conversas (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996).

Para a interatividade com a Língua Portuguesa, Pereira (2011) deixa registrado que tanto mais os alunos tiverem contato com texto escrito, eles terão afinidade e poderão elaborar suas hipóteses sobre a escrita, porém usando a L1 e L2.

É importante que a didática de ensino da Língua Portuguesa, busca trabalhar textos e não palavras isoladas, baseando-se na concepção discursiva de língua, pois, é no texto que a língua se revela em sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva (GERALDI, 1993).

Ainda para Geraldi (1993) centrando o ensino no texto o aluno trabalha a compreensão do funcionamento da língua, aumentando as possibilidades de seu uso e neste a tarefa do professor não é corrigir o seu aluno, apontando à adequação morfosintática, mas sim ser o mediador entre o texto e a aprendizagem que vai se concretizando nas atividades de sala de aula.

Svartholm (1998) alerta para à compreensão do significado de textos recomendando sempre o esclarecimento destes para as crianças por meio das línguas de sinais. Assim eles poderão aprender o sistema da língua, bem como ampliar seu conhecimento letrado.

Para o enchimento da L2 Geraldi (1993; 1996) destaca que ela deve se centrar em três práticas: na leitura de textos; na produção de textos; e na análise linguística pressupondo que tais práticas não sejam tomadas como atividades estanques, mas se interliguem na unidade textual, ora objeto de leitura, ora resultado da atividade produtiva do estudante.

Outro fator importante na L2 trata-se da análise linguística que inclui o trabalho sobre questões tradicionais da gramática, as questões amplas a propósito do texto, como coesão e coerência, adequação do texto aos objetivos pretendidos, análise dos recursos expressivos, organização e inclusão de informações etc. Para isso o deve organizar atividades sobre o tema escolhido, por meio das quais mostre os aspectos sistemáticos da Língua Portuguesa.

Para Geraldi, (1996) é essencial que a análise linguística possa fazer a reescrita do texto do estudante e, para isso, ele recomenda que o professor observe primeiro a produção do estudante; depois observe os textos produzidos selecionando

apenas um problema, escolhendo um texto produzido pelo estudante para reescrevê-lo sob o aspecto tomado como tema da aula.

Para análises de comparações a autora Fernandes, S. (2003) descreve outra teoria afirmando que quando se fala em prática de análise linguística com estudantes surdos. Deve-se respeitar as diferenças dos surdos fazendo um levantamento dos conhecimentos já interiorizados pelos estudantes e dos aspectos a serem eleitos para sistematização a partir da edição e revisão dos textos produzidos pelos mesmo, concluindo assim quais seriam as dificuldades de cada um.

É extremamente necessário o professor faça uma análise e reflexão para cada aluno e sua perceptiva quanto aos textos inserido para cada um deles, direcionando o olhar do estudante para aspectos do texto que, sozinho, ele não consegue apreender (FERNANDES, S, 2003).

Isso seria uma ferramenta eficaz para que os alunos possam sentir experimentas que ensinem os mesmos a aprender com os erros.

A leitura e a discussão das produções dos estudantes também favorecem a reflexão linguística, uma vez que lhes possibilitam perceber, na análise do seu texto e dos colegas, diferentes formas e estilos de se dizer a mesma coisa e não apenas o modelo único do texto do professor.

Fernandes, S. (2003), defende que os estudantes surdos precisam ter estratégias metodológicas e materiais didáticos diferenciados. Quanto aos materiais didáticos, a posição de Salles e col. (2004) a escola deve adotar, no ensino de Língua Portuguesa para surdos, materiais que apresentem a língua inserida em diferentes situações comunicativas, permitindo, assim, ao aprendiz fazer uso do que ele aprende em sala para se comunicar adequadamente nas mais diversas situações com as quais ele certamente vai se deparar fora da sala de aula.

### **1.5 A Pedagogia visual**

A pedagogia visual nada mais é que o acompanhamento nas mudanças e os avanços tecnológicos da sociedade nas trilhas dos discursos imagéticos, impondo aos indivíduos para que absorvam conhecimentos de diferentes maneiras e formas (CAMPELLO, 2007).

Para a Sociedade da Visualidade, a Pedagogia Visual tenta acompanhar as mudanças frente a essa realidade, inserindo na educação de surdos uma pedagogia

que contemple a visualidade, principal via de acesso às informações dessa parcela da população.

Assim, vídeos, imagens, figuras, gráficos tão presentes no cotidiano da vida moderna, além das expressões faciais e corporais devem ser explorados e incorporados nos discursos que circulam no ambiente escolar.

Essa pedagogia trabalha com imagens que para Lacerda, Santos e Caetano (2013) pode evocar a compreensão de vários elementos de um determinado tempo histórico e, nesse sentido, evocar significados sem a presença de qualquer texto escrito.

Isso demonstra que tal didática soma no processo de significação para o surdo, pois, por meio das imagens que o rodeiam, eles constituem conhecimentos únicos de forma rápida e visual e valendo-se da semiótica imagética, pode explorar as linguagens não verbais para contextualizar atividades, tornando-as significativas aos alunos e, por meio delas, introduzir conceitos que mais adiante poderão ser discutidos e aprofundados pela mediação de uma língua constituída (preferencialmente a língua de sinais, quando o aluno surdo ainda não domina o português escrito).

O professor ainda por sua vez, pode valer-se, em sala de aula, da língua de sinais e da pedagogia visual para explorar previamente os conteúdos e os conceitos complexos. Para Campello (2007) com características viso-espaciais, a LSB inscreve-se no lugar da visualidade e, sem dúvida, encontra na imagem uma grande aliada às propostas educacionais e às práticas sociais.

## CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

*Mais do que uma língua, as pessoas com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento e exercitem a capacidade cognitiva desses alunos. Obviamente, são pessoas que pensam, raciocinam e que precisam como os demais de uma escola que explore suas capacidades, em todos os sentidos (Damázio, 2005, p. 113).*

Para alcançar os objetivos propostos optou-se pela metodologia de pesquisa partindo da abordagem qualitativa. De acordo com Strauss e Corbin (1990 apud GRAY, 2012) os estudos qualitativos podem ser usados em circunstâncias em que se conheça relativamente pouco sobre o fenômeno.

A fenomenologia como método de abordagem, para Marconi e Lakatos (2021) o objetivo da pesquisa fenomenológica é descrever e entender os fenômenos com base no ponto de vista de cada participante e da perspectiva construída coletivamente. Esse método foi usado para compreender o tema, conhecer o fenômeno que está oculto, indo além das aparências, chegando à essência do problema em questão.

Como método de procedimento utilizamos a pesquisa participante por entendermos que ela dentre os métodos é a que melhor se adequa a proposta de pesquisa que nos dispusemos a realizar conforme explica Severino (2017, n.p.):

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Utilizamos esse método ajudando os estudantes, percebendo suas dificuldades, atento ao que o professor ensinava e como ensinava.

Como técnica de pesquisa, utilizamos a entrevista não diretiva que busca analisar as percepções, informações e as experiências do entrevistado, e destaca como vantagens a flexibilidade do entrevistador e a possibilidade de uma análise mais intensa das respostas. Esse tipo de técnica, segundo o autor:

[...] colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações (SEVERINO, 2017, n.p.).

Optamos pela pesquisa participante dada as características realizada em ambiente natural dos alunos surdos onde as coletas de dados foram realizadas no local em que os participantes vivenciam a questão e o pesquisador tem um papel fundamental, sendo ele o responsável por coletar os dados, através da observação ou da entrevista com participantes.

A coleta de dados se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica seguindo o pensamento de GIL (1987): A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Correspondendo aos instrumentos que utilizamos aqui que foram as leituras de livros, da lei sobre as Libras, artigos e dicionários, onde fizemos uma análise relacionando com a cultura surda, inclusão dos surdos na sociedade escolar e as novas tecnologias, como um instrumento auxiliador para esta inclusão, para o ensino e comunicação entre os surdos e a sociedade como um todo, a fim de ampliar nossos conhecimentos teóricos acerca de um tema pouco discutido, mas de tão grande relevância.

Também utilizamos a pesquisa de campo que segundo Gonsalves (2001), a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. É importante destacar, que os estudos sobre a língua de sinais é um campo de pesquisa ainda vasto, principalmente quando falamos em novas tecnologias, desta forma, foi necessário em profundo conhecimento nas leituras sobre o tema para auxiliar na compreensão e posicionamento sobre o tema.

A pesquisa se deu na Escola de áudio comunicação Padre Paulo Manna pertencente a diocese do município que matem convenio nas três esferas governamentais. Atualmente essa escola tem um diretor, uma gestora e seu quadro de funcionários é composto de 24 professores, 07 funcionários (administrativo, motorista, serviços gerais e vigias) e presta atendimento educacional especializado a 100 alunos.

Quanto ao perfil desses alunos inseridos nesse campo crianças com deficiência auditiva, surdos, deficiência física, deficiência visual, deficiência intelectual, múltipla deficiências, condutas típicas, transtorno do espectro autista (TEA) e Transtorno do

déficit de atenção com hiperatividade – TDAH.

O níveis de modalidade que a escola atende são: Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano do ciclo (Alfa e 1ª a 4ª série), preparando seus alunos para a inserção ao ensino regular.

As principais atividades desenvolvidas são: a Escolaridade, do pré escolar ao 5ºano do ensino fundamental, atendimento individual, para a terapia de sala, sala de recursos em Libras, Libras para ouvintes, Libras para os pais, Ensino religioso, sala de artesanato para terapia ocupacional e formação profissionalizante, educação física com esporte, ginástica, natação, hidroestimulação e massagem, teatro, informática, brinquedoteca, assistência (encaminhamento) para atendimento odontológico, clínico e fisioterápico nos postos de saúde do município.

Atualmente a escola trabalha com o bilinguismo: Libras (Língua Brasileira de Sinais) e Língua Portuguesa, baseando-se na língua construtiva, pois foi com esta metodologia que os alunos mais se identificaram, tornando o processo ensino aprendizagem mais eficaz e com melhor rendimento.

Apesar da deficiência auditiva os alunos não são como um papel em branco, trazem consigo muitas experiências de vida, que precisam ser exploradas, revelando a capacidade que tem de construir seu próprio conhecimento, a partir de sua realidade, tornando o professor orientador e mediador de todo o processo. Para confirmação do campo da pesquisa a figura 1 traz a imagem de perfil do educandário escolhido para realização de pesquisa.

**Figura 1:** Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna



**Fonte:** Arquivos da pesquisadora

Os participantes foram 09 alunos, sendo 02 alunos surdos, 05 com dificuldade auditiva e 02 ouvintes, 04 professoras sendo 02 surdas e 02 ouvintes dentro de uma sala de aula adaptada para o primeiro ano do ensino fundamental.

### **CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS**

Para melhor esclarecimento das ações observadas durante vivência em campo de pesquisa este capítulo vem elencado por categorias no tópico 3.1: trata-se da cultura surda no contexto escolar- que traz uma auto análise do perfil de vivência dos alunos surdos e seus impactos; no tópico 3.2: Interação pesquisadora vs aluno - que irá tratar sobre a vivência e experiências em sala de aula, bem como a importância da L1 e L2 no cotidiano diário dos participantes; 3.3: Português como segunda língua para surdos, onde retrata a importância dessa língua e suas dificuldades em sala de aula no aprendizado do aluno; 3.4: Recursos utilizados para produção escrita, narrando os meios metodológicos usados por meio de mídias para o ensino da L1 e L2, 3.5: Processos de construção de sentidos na leitura – abordando a sistematização de textos e elaborações de atividades para os surdos e 3.6: Sugestões para aprendizagem da leitura e escrita do Português- Sugerindo dicas conforme autores para melhor desempenho e sucesso no ensino – aprendizagem dos alunos.

#### **3.1 A cultura Surda no contexto escolar**

Ao ressignificar a surdez como uma marca cultural e não como uma patologia, a Pedagogia da Diferença necessita de uma postura educacional que assuma seu papel emancipatório e transformador e que veja o surdo como uma pessoa completa (...). Na Pedagogia da Diferença, há a diferença cultural e a diferença linguística, e não uma relação de dominação e supremacia de um grupo sobre outro (Basso et al., 2009, p. 17).

Para que possamos compreender melhor o que é a cultura surda é preciso compreender o que vem a ser cultura, quem são seus sujeitos e onde eles se encontram. Todos nós fazemos parte integrante de uma forma de viver em comum, dentro de um algum grupo (familiar, escolar, de amigos, igreja).

Existem em nós particularidades que transparecem em nossos atos, em nosso modo de se comunicar e como se vestir e muito mais, ou seja, temos uma identidade pessoal que pode ser fluida dentro de uma sociedade que seja comum.

Assim também a comunidade surda não é diferente. Não podemos dizer que os surdos são incapazes de compartilhar outra cultura, como por exemplo, as dos ouvintes como afirma GESSER (2009) que isso não os tornaria também menos

surdos, pois de fato as culturas também são flexíveis, dinâmica e construída entre as realidades dos povos situando seu tempo e lugar.

Sabemos que existem diversos conceitos de cultura. Segundo o dicionário online de Português entende-se que: “cultura significa representa um conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. Ela é repassada através da comunicação ou imitação às gerações seguintes.(CULTURA,2020)”.

O surdo possui uma cultura própria e dentro dela existem costumes, hábitos, tendências e sem dúvidas muito conhecimento. Assim como os ouvintes tem uma essência em ser ouvinte o surdo também tem, pois ser surdo não significa ser deficiente, afirma SKLIAR (1997, p 56) “A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximado da cultura ouvinte.

Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Como embasado nesta pesquisa ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. A fazer esta afirmação é necessário fazer uma ressalva sobre a diferença e diversidade surda, mostrando que é preciso manter estratégias para que a cultura dominante não reforce as posições do poder e privilégio (SKLIAR 1997).

Ao longo da história os surdos passam por vários acontecimentos, alguns que fizeram congelar seus hábitos, outros não. Aos poucos, um processo que por sinal muito lento, as coisas vão mudando e o olhar sobre eles vem amadurecendo e dignificando sua imagem como pessoas que também pensam e são capazes de se recompor diante das diversidades, sem ser preciso ser impostas regras ou até mesmo ilusões de que falem oralmente com os ouvintes.

### **3.2 Interação acadêmica - pesquisadora vs aluno**

A comunicação é algo essencial para toda e qualquer sociedade. A ausência dessa impede que haja relações interpessoais e, no processo de ensino-aprendizagem, provoca perda de aquisição de conhecimentos.

Com isso, vê-se a importância da interação, quando o ensino é para crianças surdas, tal interação deve ser realizada por intermédio da Libras, por isso, faz-se necessário a presença de um professor fluente em Libras para promover o ensino do português escrito como segunda língua de modo que os alunos aprendam a diferenciar os aspectos da L1 e da L2.

Na pesquisa realizada, a interação verbal em Libras facilitou muito a rotina e dinâmica com as atividades dos alunos, uma vez que a professora possuía o domínio de Libras e por esse motivo se percebe a confiança e a interação entre aluno e professor.

É relevante destacar que existem aulas de Libras na escola com professoras surdas e por esse fato a sala de aula não conta com um interprete de língua especificamente para trabalhar com alunos surdo, uma vez que a foram apostado em contratação de professores bilíngues para atuar em sala de aula.

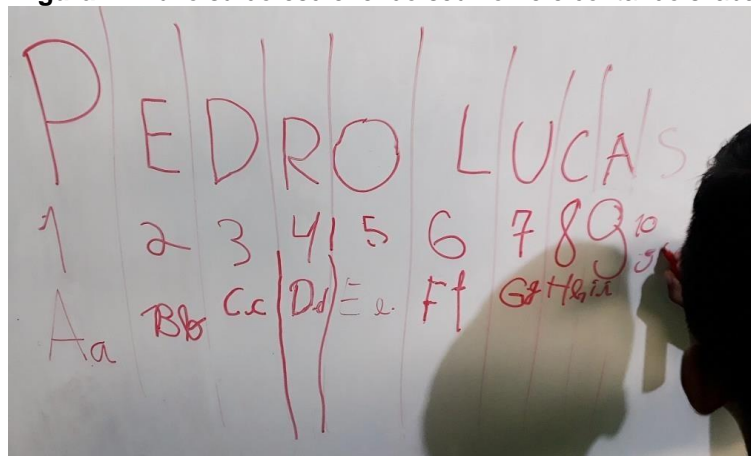
Durante o período de observação em sala de aula com os alunos participantes foi observado que os mesmo recebem aula de todas as matérias inseridas na grade curricular do ensino fundamental.

Foi trabalhado a separação de sílabas, construção de pequenos textos, ditado de palavras aulas dinâmicas, como na disciplina de história, por exemplo, falando sobre amizade, atividades individuais no caderno, atividades com jogos educativos com o objetivo de interação entre eles.

Notamos que a atenção dos alunos é facilmente desviada e que as professoras usam a língua de sinais firmemente para traze-los para a aula e concentra-los nas tarefas.

O grau de dificuldade de cada aluno é diferenciado, fator que leva os mesmos a terem olhares diferenciados, o que requer tempo e dedicação para que o desenvolvimento do aluno não seja prejudicada. Fator analisado durante as aulas traz a didática que os professores prezam ensinar a Língua Portuguesa como segunda língua junto a Libras no mesmo tempo.

**Figura 2:** Aluno surdo escrevendo seu nome e contando sílabas



**Fonte:** Arquivos da pesquisadora

A imagem 2 demonstra o aluno surdo recebendo orientações sobre a formação de seu nome e fazendo a separação de sílabas em quadro branco. A professora salienta que uma vez que esses alunos chegam com muita dificuldade pela confusão que ele enfrenta no contexto educacional.

Assim o professor preza em ensinar primeiro a língua de sinais e logo após o português e por fim conciliando as duas línguas para o bom desempenho desse aluno. Visando que o aluno não recebe somente a educação escolar os pais desse aluno são chamados para reunião onde são orientados quanto ao uso da educação bilíngue que a escola oferta.

Os pais recebem palestras sobre a educação bilíngue e suas vantagens, pedem apoio e colocam situações no que diz respeito a vida escolar e social do aluno surdo na sociedade. É relatado a eles sobre a lei que ampara seus filhos, sobre a cultura do ouvinte e quais os caminhos a serem traçados para o aluno obtenha sucesso na aprendizagem.

**Figura 3:** Alunos recebendo aula de Libras



**Fonte:** Silveira, 2019

A imagem 3 retrata alunos recebendo aulas em libras por uma professora Bilíngue. Observa-se nesse cenário que a sala de aula recebe adaptações visuais como por exemplo, alfabeto em libras, atividades em apostilas impressas em libras, fatores estes que facilitam a dinâmica das aulas.

Essas experiências na infância tem impactos positivos para as crianças que recebem estudos voltados para suas necessidades, isso aumenta as capacidades cognitivas ligadas à atenção, memória, raciocínio lógico e criatividade delas.

**Figura 4:** Professora trabalhando textos de L2 por meio da L1.



**Fonte:** Arquivos da pesquisadora

A imagem 4 demonstra alunos e professora em sala na disciplina de Português trabalhando textos e leitura. Esse aprendizado da escrita de sinais representa para os alunos surdos um recurso simbólico a mais para seu desenvolvimento intelectual, pois esse saber favorece a aprendizagem da língua portuguesa tanto na modalidade falada como na modalidade escrita.

### **3.3 O Português Escrito como segunda língua para surdos**

No período de experiências e observação na sala de aula para surdos da escola de audio comunicação Padre Paulo Mana nota-se um olhar pedagógico específico para a educação dos alunos surdos. Para alcançar os objetivos propostos para este estudo é relevante afirmar que o primeiro impacto recebido neste educandário foi o método de ensino da língua portuguesa para surdos, a professora atuante da sala de aula, explicou que em relação à exposição de conteúdos, primeiramente ela os contextualiza, depois os apresenta com dicas visuais, ensinando-os individualmente, trabalhando depois a dificuldade de cada um e montando estratégias diferentes para cada um dependendo do grau de dificuldade.

As professoras relatam que é através do uso da libras que os alunos apresentam mais facilidades para assimilar as explicações para a produção escrita, pois elas procuram sempre levar em consideração diferenças linguísticas-culturais dos alunos surdos, percebendo-os como eles como usuários de uma língua visual-gestual.

É notório concretizar o que Goldfeld (2002, p.35) diz que “as crianças surdas

por não receberem com as mesmas facilidades os estímulos auditivos, precisam de ajuda diferenciada”, ou seja cada criança é diferente uma da outra e tanto os gestores, como todos os funcionários tem conhecimento da realidade e do mundo dos surdos. Uma vez que todos eles recebem orientações para se adequarem ao padrão da escola

Observamos que quando os alunos estão desanimados ou até mesmo dispersos das aulas em relação ao ensino da Língua Portuguesa, a professora leva-os a refletir sobre o mundo que os cerca, mostrando a importância dos estudos, das duas línguas e do futuro que os espera lá fora. A escola é comprometida com a educação no que tange a libras e língua portuguesa tratada ainda no contexto social.

Para enfatizar melhor essa realidade trago o pensamento de Guarinello (2007) onde afirma que a falta de atividades significativas como a escrita impede que os surdos percebam sua função social e as diferenças entre a língua majoritária e a língua de sinais, ou seja, que cada modalidade de língua possui regras e recursos específicos.

Durante a participação das aulas e observações foi possível perceber a dificuldade que as professoras sentem em auxiliar os alunos, pois além da surdez, alguns alunos tem diagnóstico de autismo e TDH. Tudo isso requer tempo e atenção mas mesmo em meio a esses obstáculos elas se comprometem em fazer com que todos os alunos aprendam em seu tempo a ler e escrever, interpretar textos e dar a eles uma qualidade de ensino eficaz, por meio da língua de sinais.

**Figura 5:** Alunos surdos em sala de aula



**Fonte:** Arquivos da pesquisadora

A imagem 4 retrata a professora trabalhando com alunos individualmente. Existe um dia na semana a mesma faz uma análise ou um levantamento sobre a leitura, escrita

e compreensão do aluno e depois em cima dos resultados procura uma estratégia para melhorar o ensino como por exemplo, trabalhar palavras chaves, trabalhar figuras, desenhos e etc. Sobre essa metodologia, Quadros & Schmiedt (2006,) nos alertam quando dizem que trabalhar com palavras-chaves também pode ser muito útil para o novo leitor. Isso não significa listar o vocabulário presente no texto, mas discutir com os alunos sobre as palavras que aparecem no texto, estimulando-os a buscar o seu significado.

Todos os alunos sem exceção apresentam suas dificuldades seja ela escrita ou social, como por exemplo a retração por desconhecer ou não se adaptar a L1. Observa-se também neste estudo que é possível ensinar de forma diversificada, prazerosa e lúdica a (L2) além de por meio de teatros adaptados, brincadeiras simples porém voltadas para esses alunos surdos.

Tais atividades realizadas fazem com que eles se despertem e tomem atitude para descobrir coisas novas e acima de tudo sintam confiantes e seguros no que eles pensam e assim podem gesticular expressando seus sentimentos, dúvidas e opiniões. Pensando nesse achado contextualizo o que Paulo Freire falou sobre a libertação por meio da alfabetização.

[...] ser alfabetizado deveria significar ser capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tornar-se consciente da realidade e transformá-la. Considerando que o alfabetismo pode ser um instrumento tanto para a libertação quanto para a domesticação do homem, dependendo do contexto ideológico que ocorre, Freire evidencia a natureza política da aprendizagem da leitura e da escrita: sua concepção do alfabetismo como instrumento de promoção da mudança social é uma concepção essencialmente política. (SOARES, 2003b, apud SILVA, 2009, p. 82).

Considerando a fala do autor é notório a importância de se trabalhar de maneira dinâmica e voltado para a particularidade de cada aluno fazendo com ele se sinta a vontade para se comunicar de maneira voluntária e não obrigatória.

### **3.4 Recursos utilizados para produção escrita**

Quanto aos recursos didáticos pelos usados pelos professores da escola os mesmos fazem uso das tecnologias disponíveis para a produção de todas as atividades sejam elas escritas ou ilustradas maneira exclusiva. É utilizado quadro de giz, exercícios em livros, gravuras, desenhos etc.

O destaque, neste contexto, é que a mesma ao mesmo tempo que ensina L1 Também ensina a L2 para seus alunos, por meio de interpretações e explicação das palavras nas duas linguas. A mesma utiliza recursos como gravuras, o Alfabeto Digital, a Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS o computador/ internet.

Todas esses aparatos contribuem de forma positiva para os alunos consigam entender de maneira ludica e diverida o uso da lingua portuguesa por meio do canal (visual-manual) tqe tem a mesma flexibilidade assim como o ouvinte tem quanto o canal oral auditivo para se comunicar.

Resalto que os professores de mameira geral e especifica tem total dominio da L1 e L2 sobre a relação do ensino e do aprendizado da Língua Portuguesa para surdos, processo esse bem complexo que exige deles, tanto a fluência na Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS, quanto em lingua portuguesa.

Para isso eles procuram de formas diversificadas o envolvimento de todos da sala do aluno a quem convive com eles, e aqui eu abr um aprentese para colocar que enquanto pesquisadora fui agraciada em participar de várias atividades lúdicas e auxiliar as professoras em textos e linguas de sinais em trablhos de grupos em sala de aula. Resalto que a leitura é muito bem trabalhada por meio de textos, videos curtos, histórias contadas em libras e isto se encaixa perfeitamente no que Soares (2003) contextualiza.

As habilidades de leitura e escrita não são vistas como “neutras”, mas são vistas como um conjunto de práticas socialmente construídas, envolvendo o ler e o escrever, configuradas por processos sociais mais amplos e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições, padrões de poder presentes no contexto social. (SOARES, 2003b, apud SILVA, 2009, p. 81).

Existe a concretização de ações que toda a escola realiza em eventos culturais que instigam os alunos a participarem. A professora M.Y.T, relata que tal estrategia tem somado positivamente frente as dificuldades que o surdo tem apresentado na alfabetização e compreensão de textos é de fazer as ligações entre palavras, de organizar sequencialmente o pensamento para suas produções escritas. É usado ainda a internet como meio de pesquisas para atualizações de didáticas atualizadas para que assim os professores fiquem informados de novas ferramantas a serem usados em sala de aula. Segundo SALLES, (2004, p.117):

[...] no que diz respeito ao aprendiz-surdo a seleção de textos adequados é fundamental. O tratamento a ser dado deve ser o interacionista, pois proporciona ao aluno maior envolvimento e interação com o texto. Um recurso adicional que precisa ser inserido em trabalho em sala de aula e/ou em casa é a internet.

Como exposto anteriormente este recurso (a internet) é uma ferramenta usada pelos professores para atualizações de didáticas procurando inovar suas metodologias e recursos com o objetivo de ajudar na alfabetização dos surdos, para a produção escrita. Auxiliando os mesmos nas atividade voltadas para o uso de frases curtas, videos com temas voltados a leitura, frases curtas entre outras atividades.

Destacamos assim que os professores destes alunos lidam com diversos aspectos e que os mesmos tem a missão de ensinar duas linguas ao mesmo tempo. Aparenta ser cansativo mas a educação bilingue pede esse esforço para as crinaças surdas possam ser alfaberizadas e letradas conforme manda a lei. Para isso destaco o trecho do texto de Svartholm, (2002):

Em comparação com outros professores de segunda língua, o professor de surdos tem um maior grau de responsabilidade em tornar a língua, o input linguístico, disponível e compreensível para as crianças. Isto se deve às características da língua escrita e a sua falta de conexão com o contexto imediato. Ela exige explicações de modo a ser compreendida pela criança e, assim, ser usada como uma fonte de aprendizagem de uma língua. E isto só pode ser atingido adequadamente através do uso da língua de sinais ao trabalhar textos e suas formas/significativas. (SVARTHOLM, 1998, apud SALLES, 2002, p.119).

Percebemos ainda que os professores trazem consigo uma trajetoria de muitas responsabilidades e chego a afirmar que existe muito amor envolvido, uma vez que se capacitarm para ajudar essa comunidade de surdos que muito enfrentou dificuldade para ter ser direitos garantidos, o que o torna ator principal na fluência da Língua de Sinais para o trabalho pedagógico sendo de extrema importância para o desenvolvimento do aprendiz do indivíduo surdo no processo educacional, cultura e social, tal afirmação dar se pelo fato de percebermos toda trajetória pela qual a mesma vem sendo inserida, especialmente o compromisso que a escola dispõe dentro do processo de ensino aprendizagem .

Outro fator que não pode passar em branco, ou seja, a criança surda tem suas responsabilidades. Afinal se pararmos para pensarmos enquanto ouvintes que estudar só uma lingua traz cansaço mental e frustrações, imagina o individuo surdo estudar

duas línguas ao mesmo tempo. Portanto:

A língua de sinais apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p.24)

A carreira de uma criança surda em processo de aprendizagem exigem cuidados para que a mesma se encontre no ambiente escolar onde o foco não seja somente em Libras mas nas especificidades que a língua portuguesa contém no que diz respeito à leitura e à escrita.

A escrita da língua majoritária é um recurso importante do qual a pessoa surda não pode dispensar, visto que sem ela o surdo terá diminuída a chance de competição e de comunicação com os ouvintes.

A aprendizagem da segunda língua, para os surdos, dotada de coesão faz-se necessária no processo educacional, de modo a possibilitar a articulação das duas línguas: a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, como afirma Silva (2001) [...] e isto estaria na dependência da experiência bilíngüe dos alunos, porque uma escrita baseada em sinais é responsável por grande parte das características dos textos produzidos pelos alunos surdos.

Este trecho remete a reflexão sobre os educadores em trabalhar duas línguas, uma vez que o professor é bilingue não há tantas dificuldades em repassar o conteúdo para o aluno surdo, caso contrário o professor que não tem domínio da L1 sente inúmeras dificuldades, pois ele tem que lidar com diversas situações no ambiente escolar onde nem todo tempo irá ter um intérprete.

Sendo que compreender o processo de aquisição da Língua Portuguesa escrita por indivíduos surdos é de fundamental importância a todos os professores, tanto os de línguas como os de outras áreas do conhecimento, a fim de que possam refletir sobre a maneira mais adequada de ensinar, de forma que a escrita seja significativa a seus alunos.

Analisando os pontos abordados sobre os recursos indicados para a efetivação da escrita, percebe-se que a professora utiliza-se de várias estratégias para ensinar a Língua Portuguesa na modalidade escrita para os alunos surdos, entre as quais enfatizamos o diálogo por meio da Língua de Sinais para a compreensão das

atividades da L2.

### **3.5 Processos de construção de sentido na leitura**

Para um aluno surdo a leitura em si já não é uma tarefa fácil, sendo que ele tem que aprender a ler em Libras e na língua portuguesa é inevitável reconhecer que as palavras possuam diversos sentidos.

Partindo desse argumento as professoras da sala de aula dos alunos surdos procuravam sempre mediar o processo de compreensão de sentido das palavras, percepções e significações subjetivas dos alunos fazendo com que a leitura fosse frequente em sala de aula, as mesmas trabalham muito com textos curtos e colorido. Conforme Svartholm (2014), os recursos para uma boa leitura devem conter estratégias onde o aluno compreenda a mensagem por meio de explicações e traduções percebendo a estrutura do texto exposto.

Foi perceptível que os professores buscavam mecanismos que promovam a interpretação adequada para que o aluno compreenda os sentido dos textos. Tal fator tem uma importância bastante relevante e para concretizar esse pensamento os autores Giroto, Martins e Mendonça (2012) sugerem que para esse público é interessante ensinar diferentes tipos de gêneros textuais para que assim a criança aprenda dar sentido a leitura entendendo os diferentes significados e interpretações que a mensagem emite.

### **3.6 Sugestões para aprendizagem da leitura e escrita da língua Portuguesa**

O ato de escrever é de suma importância na sociedade, pois através da escrita é que recebemos informações de tudo. A escrita, é uma das maneiras mais antigas de comunicação entre o homem, e os acontecimentos que ocorrem no mundo.

Para se emitir uma mensagem precisa-se que haja conhecimento quanto aos gêneros, os tipos textuais e os assuntos, que apresentam certas condições importantes para uma escrita eficaz. (SALLES, 2004).

A língua portuguesa contém a decodificação de signos, Seleção e hierarquização de idéias, associação com informações anteriores, elaboração de hipóteses, construção de inferências, construção de pressupostos, controle de velocidade, focalização da atenção, avaliação do processo realizado e eorientação

dos próprios procedimentos. GARCEZ (apud SALLES, 2004).

Para que os alunos surdos compreendam todos esses elementos cabe ao professor utilizar de recursos visuais - gravuras, desenhos e pinturas como instrumentos no ensino da produção escrita para que assim haja reconhecimento e entendimento da organização sintática, do léxico e identificação do gênero e o tipo de texto, bem como percepção dos implícitos, as ironias, as relações estabelecidas intra, inter e extra-texto, para se tornar uma leitura produtiva.

Mais uma vez afirma-se que professores precisam conduzir o aluno para que ele cumpra etapas que envolvem aspectos macroestruturalistas: gênero, tipologia, pragmática e semântica (textuais e discursivos) e microestruturais: gramaticais/lexicais morfosintático e semântico (lexicais e sentenciais) como os que seguem.

Analisar e compreender todas as pistas que acompanhem o texto escrito: figuras desenhos, pinturas, enfim, todas as ilustrações; Identificar, sempre que possível nome do autor, lugares, referências temporais e espaciais; Situar o texto, sempre que possível, temporal e espacialmente; Observar, relacionando com o texto, título e subtítulo; Explorar exaustivamente a capa de um livro. Inclusive as personagens, antes mesmo da leitura; Elaborar, sempre que possível uma sinopse antes da leitura do texto; Reconhecer elementos paratextuais importantes, tais como: parágrafos, negritos sublinhados, travessões, legendas, maiúsculas e minúsculas, bem como outros que concorram para o ensino do que está sendo lido; Estabelecer correlações com outras leituras, outros conhecimentos que venham auxiliar na compreensão; Construir paráfrases em LIBRAS ou em Português (caso já tenha um certo domínio); identificar o gênero textual; Observar a importância sociocultural e discursiva, portanto pragmática, do gênero textual; Identificar a tipologia textual; Ativar e utilizar conhecimentos prévios; Tomar notas de acordo com os objetivos. (SALLES,2004, p.22)

No que diz respeito aos aspectos microestruturais vejamos o que afirma SALLES (2004, p.22).

Reconhecer e sublinhar palavras-chaves; Tentar entender, se for o caso, cada parte do texto, correlacionando-as entre si: expressões, frases, período, parágrafos, verbos e estrofes; Identificar e sublinhar ou marcar na margem fragmentos significativos; Relacionar, quando possível, esses fragmentos a outros; Observar a importância do uso do dicionário; Decidir se deve consultar o dicionário imediatamente ou tentar entender o significado de certas palavras e expressões observando o contexto estabelecendo relações com outras palavras, expressões ou construções maiores; Substituir itens lexicais complexos por outros familiares; Observar a lógica das relações lexicais, morfológicas e sintáticas; Detectar erros no processo de decodificação e interpretação; Recuperar a ideia geral de forma resumida.

Conforme análise da afirmação do autor é relevante afirmar que para cada texto

e leitura, há um conjunto de procedimentos adequados à compreensão, e, portanto, é impraticável a aplicação de todos os procedimentos listados à leitura de um único texto.

Ao construir um texto o aluno deve ter conhecimento de vários sistemas para que o sistema cognitivo sejam ativados. Para isso pode-se contar com estratégias de natureza cognitiva, textual e sociointeracionais.

No ensino de língua, o texto tem sido apontado como um recurso por excelência. Esta é a visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo Ministério da Educação, em que o texto é priorizado como instrumento importante tanto para a aquisição de novos conhecimentos, para o desenvolvimento do raciocínio, da argumentação, para experiência lúdica, como promotor de prazer estético, para aquisição e consolidação da escrita. Mas a importância atribuída ao texto está exatamente em percebê-lo como instrumento fundamental nas e das práticas sociais. (SALLES, 2004 p. 24).

Salles (2004) afirma que os PCNs não trazem orientações para o ensino do português como segunda língua, mas podemos adotar os aspectos relevantes sem negligenciar os outros aspectos. Texto escrito e leitura, uma das ferramentas básicas de comunicação entre surdos e ouvintes, porque se constitui como instrumento e ferramenta do pensamento, possibilitando operações intelectuais particulares a partir das quais o sujeito organiza e exprime o seu pensamento.

Segundo M.Y.T o português ainda é a língua significativa por meio da escrita nos espaços educacionais que se encontram alunos surdos, tanto na sala de aula da escola de áudio comunicação como nas escolas regulares onde o aluno surdo é inserido.

A sua aquisição dependerá de sua representação e comunicação entre seus pares por meio da escrita. Entre os surdos que utilizam a língua portuguesa, o uso da escrita faz parte do seu cotidiano por meio de diferentes tipos de produção textual. Por isso a comunidade surda, reivindica por políticas públicas que garantam que as escolas de Ensino Regular que tenham alunos surdos matriculados efetivem a Educação Bilíngue.

De acordo com STROBEL, (2008):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

A autora nos remete a refletir profundamente na necessidade e importância da fluência do professor em Língua de Sinais para o ensino da segunda língua para surdos. E como o professor deve agir para que os alunos possam assimilar e se interessar para o aprendizado da segunda língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não há que se exigir do surdo uma construção simbólica tão natural como a do ouvinte” Perlin (2015, p. 57),:

Ao considerar o ponto de partida em Investigar de que forma a Língua Portuguesa é inserida na alfabetização do aluno Surdo no decorrer do presente trabalho buscou abordar em todo o texto, os métodos e a relevância da prática educativa de ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos.

A presente pesquisa permitiu a reflexão acerca da prática pedagógica na educação de pessoas com surdez, a partir dos fatos históricos, sociais e educacionais discutidos brevemente, mas que entendemos que muito coordenam a atual metodologia abordada em salas de aula com indivíduos surdos.

Simultaneamente, também foi possível observar as vivências ocorridas a partir da observação em sala de aula e suas decorrentes práticas metodológicas específicas para este ensino, bem como o aparato legal que o aluno seja alfabetizado.

Durante todo o período vivenciado em sala de aula ficou evidente que a escola em estudo faz uso da educação bilíngue para a aprendizagem da criança surda, sendo fundamental, tendo como base atividades realizadas adaptadas conforme as necessidades de cada aluno.

Diante disso, o aluno surdo conta com uma metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada, onde predomina o visual, além de professores graduados em Língua Portuguesa, especialistas em Libras e surdos.

Percebemos que o surdo tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas. A língua de sinais torna-se imprescindível para esse processo de aprendizagem, bem como a língua portuguesa, visto que, a primeira, servirá de mediadora para a segunda, e a alfabetização será de forma natural, primeiramente entende-se a Libras, e, aos poucos, associa-se ao português.

A escola por sua vez não se preocupa em somente alfabetizar os alunos surdos, mas sim, ofertar condições para que se tornem leitores e escritores, não apenas codificadores e decodificadores dos símbolos gráficos, apoiando-se menos na relação oralidade/escrita, e sim, no aspecto visual da escrita como fator relevante no processo de sua aquisição.

Assim dentro do processo de ensino aprendizagem a escola tenta realizar a escolarização dos alunos surdos alfabetizando-os em ambas as línguas, conhecedores de sua cultura, bem como da cultura ouvinte, favorecendo assim o pleno desenvolvimento desses sujeitos, e a sua participação na sociedade, exercendo seu papel de cidadão.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia de Ensino de Libras – L1**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXTObASE\\_SEM\\_AS\\_IMAGENS\\_.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXTObASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf). Acesso em 19 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 24 de abril 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 25 abr.2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

CAMPELLO, Ana Regina. Pedagogia Visual; Sinal na Educação dos Surdos. IN:

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13ªed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAPTISTA, M. M. **Estudantes surdos: aquisição da língua gestual e ensino da Língua Portuguesa**. Actas do I EIELP. Exedra, 2010.

CULTURA. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020.

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em 11 de Outubro de 2022.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação escolar inclusiva para pessoas com surdez na escola comum – questões polêmicas e avanços contemporâneos**. In: BRASIL. Ensaio Pedagógico - construindo escolas inclusivas. Brasília: MEC/SEESP, 2005, p. 108-121.

\_\_\_\_\_. **Formação continuada a distância de professora para o atendimento educacional especializado: pessoa com surdez**. Brasília: MEC/SEED/SEESP, 2007.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre, RS.: ArtMed, 2003

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino – exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP.: Mercado de Letras, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987;

GÓES, M. C. R.; TARTUCI, D. **Alunos surdos e experiências de letramento**. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B. de; FERNANDES, E (Orgs.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. Plexus Editora, 1997.

GONSALVES. Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa**, 2001

Infantil e Ensino Fundamental: **Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação/ Diretoria de Orientação Técnica, 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Caderno Cedes, vol. 19, n 46. Campinas, 2000.

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the Deaf-World**. California: DawnSign Press, 1996.

LIMA, M.C. (Org.). **Surdez e abordagem bilíngue**. 1. ed. São Paulo: Plexus, 2000. p. 64- 83

LODI, A.C.B. **Educação bilíngüe para surdos**. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.

MARCHESI, A. **El desarrollo cognitivo y lingüístico de los niños sordos**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MOURA, M. C. (2002). **O surdo: caminho para uma nova identidade** Rio de Janeiro: Revinter.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R. **A língua de Sinais Brasileira em funcionamento: reflexão sobre o uso da língua de Sinais Brasileira no discurso narrativo de criança surda**. Revista Intercâmbio, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, v. XI. p. 69-76, 2014.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R., **Libras como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Para que?** In: ALBRES, N. A.; Neves, S. L. G. (org.) **Libras em estudo: formação de profissionais**. São Paulo: Feneis, 2014, p. 91-108.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R. **Narrativas infantis em Língua Brasileira de Sinais. Letras de Hoje**, v. 39, n. 3, p. 273-284, 2014, 273-284

PEREIRA, M. C. C. **Reflexões sobre a escrita de alunos surdos expostos à abordagem bilíngue de educação**. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2014. ed. 2. v. 16. p. 49-64.

QUADROS, R. M.; SCHIMIEDT, M. **Ideias para ensinar português para estudantes surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice M. & PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos Surdos II. Petropolis**: Editora Arara Azul. 2007.

Revista Intercâmbio. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, v. 11, p. 69-76, 2002.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para a Educação

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SANTANA. A.P. **Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas**, 2007.

SKLIAR, C.B. **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. In: SKLIAR, C.B. (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

Spinillo, A. G., Rego, F. B., Lima, E. B., & Souza, N. **A aquisição da coesão textual: uma análise exploratória da compreensão e da produção de cadeias coesivas**, 2002.

Spinillo, G. Carvalho, & T. Avelar (Orgs.), **Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa** Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2018.

SOUZA, R.G. **Que palavra que te falta? Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research Thousand Lage Daks**: Lage Publications, 1990. 267 p.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008<sup>a</sup>.

SVARTHOLM, K. **Aquisição de segunda língua por surdos. Espaço: informativo técnico científico do INES**, n. 9. 1998, p. 38-45.

SVARTHOLM, K. **35 anos de Educação Bilíngue de surdos – e então?** Educar em Revista, Curitiba, n. 2, p. 33-50, 2014. Edição Especial.

VYGOTSKY, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: A formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.